

Organização

Mara Regina Rodrigues Ribeiro

Cláudia Peixoto de Moura

Maria Berenice da Costa Machado



Memórias da Comunicação

4º Encontro da ALCAR RS

Núcleo Gaúcho de História da Mídia

ALCAR
RS

 **Alcar**
Associação Brasileira de Pesquisadores
de História da Mídia

Mara Regina Rodrigues Ribeiro (in memoriam)
Cláudia Peixoto de Moura
Maria Berenice da Costa Machado
Organizadoras

Memórias da Comunicação

4º Encontro da ALCAR RS

Núcleo Gaúcho de História da Mídia

ALCAR
RS

 **Alcar**
Associação Brasileira de Pesquisadores
de História da Mídia

Junho de 2019

CAPA Rodrigo Braga Silva

REVISÃO DE TEXTO dos autores

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Rodrigo Braga Silva

Memórias da comunicação: 4º encontro da ALCAR RS [recurso eletrônico] / organizado por Mara Regina Rodrigues Ribeiro, Cláudia Peixoto de Moura, Maria Berenice da Costa Machado. – Dados eletrônicos. – São Borja, RS: Alcar, 2019. (977p.)

Modo de Acesso: World Wide Web:

<http://www.ufrgs.br/alcar/>

ISSN 2317-241X

Os artigos apresentados no 4º Encontro da ALCAR RS estão reunidos no presente arquivo em sua formatação original, conforme a inscrição dos textos dos autores no evento.

Para referenciar os artigos disponibilizados no arquivo referente à publicação, sugerimos a indicação dos seguintes dados:

SOBRENOME, Nome do autor. Título do trabalho. In: Memórias da comunicação: 4º encontro da ALCAR RS [recurso eletrônico]. São Borja, RS: Alcar, 2019.

ISSN 2317-241X. Disponível: <http://www.ufrgs.br/alcar/> Acesso em __/__/____.



**Marcello Casado D'Azevedo e a pesquisa em Comunicação:
Fabico/UFRGS, década 1970.¹**

Maria Berenice da Costa Machado²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Artigo com o perfil bio-bibliográfico do professor Marcello Casado D'Azevedo, montado a partir de fragmentos da sua trajetória docente e das obras sobre Comunicação e Informação que coordenou e publicou na década de 1970. A intenção é contribuir com a história do primeiro ciclo do ensino de Comunicação na Fabico/UFRGS e relacionar sua produção acadêmica com a pesquisa científica. O estudo segue o método histórico, com técnicas de coleta de materiais que incluem entrevistas, buscas documentais e bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE

História, comunicação; pesquisa; Marcello Casado D'Azevedo; Fabico/UFRGS.

1. Introdução

A história do campo acadêmico da Comunicação no Rio Grande do Sul ainda carece muitos capítulos que contem sobre fatos, personagens e instituições emblemáticos. Preenchemos uma dessas lacunas aqui com o perfil bio-bibliográfico do professor **Marcello Casado D'Azevedo**. Engenheiro envolvido com Comunicação, fez uma segunda graduação, Jornalismo, na antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS, entre os anos 1966 -1969, junto com a esposa Martha Alves d'Azevedo. Lecionou "Teoria da Informação – Comunicação – Cultura de Massas" no curso de Arquitetura da mesma Universidade, e a partir desta disciplina iniciou, com alunos ou individualmente, a produção e a sistematização de conhecimento sobre Comunicação, material que teve imediata acolhida pelas editoras locais. Durante a década de 1970, Marcello foi integrado ao corpo docente da Fabico, com aulas que desafiavam os jovens estudantes. Talvez tenha sido um dos responsáveis por fazê-los

¹ Trabalho apresentado no 4º Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia – ALCAR RS

² Doutora em Comunicação, UFRGS, e-mail mberem@cpovo.net.



descobrir poder “acreditar, no mínimo, na Universidade como a história da ciência bem ensinava” (WEBER; SILVA, 1994, p. 18).

Este capítulo recolhe e registra fragmentos da trajetória docente e a produção científica de Marcello Casado d’Azevedo, mais especificamente os seis livros sobre Comunicação e Informação publicados na década de 1970. Desejamos contribuir com a história do primeiro ciclo de ensino de Comunicação na UFRGS, tempo também de pesquisa, embora esta ainda sem o caráter institucional que adquiriu após a instalação dos cursos de pós-graduação.

O estudo segue o método histórico, com técnicas de coleta de materiais que incluem entrevistas, a partir de roteiro semi-estruturado, buscas documental e bibliográfica. A tarefa inicial foi identificar sujeitos envolvidos com o ensino e a pesquisa de Comunicação no começo do curso. Sobre os docentes, pouquíssimas informações. Recorremos a alguns dos antigos alunos, atuais professores da Universidade, montamos pequena lista e com ela fomos aos currículos Lattes. Apesar de a Plataforma trazer somente dados da atual geração de acadêmicos (período de graduação e pós, projetos de pesquisa, publicações, vínculos institucionais e com agências de fomento à pesquisa), estes foram úteis para delimitar os entrevistados seguindo critério de formação no curso da UFRGS, especialmente entre os anos 1952 – 1980.

Prosseguimos com sondagens presenciais e por e-mail. Há unanimidade em relação à contribuição do professor Azevedo: diretamente na formação de uma geração de profissionais e acadêmicos da Comunicação ou através da obra original que produziu e legou ao campo. Buscamos esse material bibliográfico e decidimos focar o texto na sua carreira e no que escreveu, pois são raros e esparsos os materiais sobre o engenheiro/comunicador. Razão pela qual, em algumas passagens, nos apoiaremos em manifestações dos editores e colegas impressas nas próprias capas e orelhas dos seus livros.

2. Traços biográficos de Marcello Casado d’Azevedo

Formado em Engenharia Civil pela UFRGS, Marcello foi empresário no ramo até 1968. Após a segunda graduação, concluída em 1969, o bacharel em Comunicação dedicou-se totalmente à docência como Professor Titular da mesma Universidade (AZEVEDO, 1972,



contracapa). Sobre o conteúdo das aulas, naquele agitado início dos anos 1970, Maria Helena Weber e Ricardo Schneiders da Silva observam que o mestre os “provocava com a cibernética e a era pela qual seríamos responsáveis. Parecia ficção” (WEBER; SILVA, 1994, p. 18).

Paralelamente à docência, Marcello foi um produtor de conhecimento, portanto pesquisador. Mas a esposa Martha (2011), doutora em Comunicação, destaca que “ele não se interessava por pesquisa empírica como a que ela fazia”. Um dos diletos alunos considera Marcello um “pensador, um teórico e estudioso, que dialogava com muitas ciências, entre elas a Semiótica de Peirce” (SILVA, 2011). Outra presença nas aulas do então curso de Jornalismo foi a Física, como observa Ilza Girardi, aluna nota A nas suas disciplinas: “foi com ele que aprendi o conceito de entropia, emprestado da física” (GIRARDI, 2012).

Atento à função, ao desenvolvimento e ao futuro da Comunicação, o professor promoveu o intercâmbio com cientistas do centro do País. Silva (2011) recorda que “Marcello trouxe a Porto Alegre Décio Pignatari, semioticista, então professor da Universidade de São Paulo (USP), e José Marques de Melo, recém-doutor e bastante envolvido com pesquisa e publicações na área”.

Inovador na didática e na condução da reflexão, o mestre, segundo os alunos, indicava leituras que eram “devoradas”: O Despertar dos Mágicos (Louis Pauwels e Jacques Bergier), O Jogo das Contas de Vidro (Herman Hesse), O Jogo da Amarelinha (Júlio Cortazar), O Admirável Mundo Novo (Aldous Huxley) (...)” (WEBER; SILVA, 1994, p. 17-18).

Opinião semelhante tem Ilza: “Marcello foi um grande professor, um teórico entusiasmado”. Ela gostava muito das disciplinas e lia tudo que o professor indicava

Ele fazia uma coisa que me encantava: lia os livros em sala de aula, sentado à mesa, e os comentava e falava dos autores. Certamente nem todos os alunos tinham capacidade ou sensibilidade para entendê-lo. Ele era um teórico da comunicação. Era amável, amigo e ficava conversando com a gente depois da aula (GIRARDI, 2012).



3. Ciclo inicial do ensino de Comunicação na UFRGS

O curso de Jornalismo da UFRGS, um dos precursores no ensino da Comunicação no Estado e no Brasil, tem como registro oficial a data 01/03/1952³, foi um dos 14 abrigados pela antiga faculdade de Filosofia. Com a Reforma Universitária de 1968, a estrutura da universidade foi redesenhada, foram criados institutos, departamentos e nova ordenação para os cursos. O de Jornalismo passou, então, a se chamar Comunicação Social, unido à Escola de Biblioteconomia e Documentação⁴ resultou na atual Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico).

Na publicação que registra os 30 anos da Fabico as autoras observam a “escassez de fontes documentais, principalmente do Curso de Jornalismo” (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 276 e 280). Um exemplo é a informação sobre a formatura da primeira turma de jornalistas; elas tiveram de consultar a Ata de Colação de Grau para encontrar a data 11 de dezembro de 1954, a relação de bacharéis e os nomes do orador e do paraninfo (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 281).

Em relação aos anos que antecederam à reforma curricular de 1970, antes do curso ter o nome de Comunicação, carga de 2.700 horas e quatro anos de duração pouco se tem registro. Segundo Ricardo Schneiders da Silva, atual diretor da Fabico, “o curso de Jornalismo, nos primeiros anos da década de 50, está ligado à implantação da Rádio da Universidade – com professores e alunos estagiários”, situação idêntica a do “antigo Gabinete de Imprensa”, que nas décadas seguintes serviu de campo de atuação para os estudantes do mesmo curso (JORNAL DA UNIVERSIDADE, 2010).

Outras informações sobre o início do ensino de Jornalismo na UFRGS vêm do JORNAL ESCOLA, cujo primeiro número foi publicado em outubro de 1961. No editorial assinado pelo então diretor a manifesta vocação para o ensino e a pesquisa em Comunicação.

JORNAL ESCOLA representa um arco-íris para o Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Simboliza a aliança entre teoria e prática

³ MEC, disponível: <http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/NTgx/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTc=http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/NTgx/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/MTc>Acesso 15 ago. 2011.

⁴ Portaria nº 714 de 1º de setembro de 1970.



(...) será a força disciplinadora de um presente de estudo e pesquisa que nos levará a um futuro útil e dinâmico de trabalho na imprensa (OLIVEIRA apud SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 281).

Em 1968, junto às preocupações e discussões sobre a Reforma Universitária e a nova estrutura do ensino superior, Santos e Silveira encontram no mesmo jornal laboratório reflexões do Professor Azevedo sobre o Jornalismo no ano 2000.

Assim é que podemos imaginar, com bases suficientes, um leitor do ano 2000, acordando, espreguiçando-se (nada indica que tal hábito tenha desaparecido ainda) (...) e, sem a mínima preocupação com a montagem técnica de uma fantasmagórica engrenagem informativa, comece a ver o seu jornal, teletransmitido desde 1990, pela eliminação dos déficits de canais de imagens e mensagens, graças aos novos meios de propagação (apud SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 282).

4. Publicações de Marcello Casado d'Azevedo

Conforme referências listadas ao final deste capítulo, o Sistema de Bibliotecas da UFRGS (Sabi) registra seis obras de Marcello Casado d' Azevedo. Três delas, inclusive a primeira datada de 1970, pertencem à Série Cadernos Universitários, editada pela Editora da UFRGS, sob a coordenação do Professor Azevedo. **Comunicação, linguagem, automação (nº 1)** traz na apresentação a indicação de que a Comissão Central de Publicações (CCP) pretendia “oferecer trabalhos e estudos elaborados por integrantes do Corpo Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob a orientação de seus mestres”. Os editores destacam uma das finalidades da CCP “estímulo à pesquisa e divulgação científica e literária (...)” e que os objetivos são

um, de colocar ao alcance do estudante o livro-texto, adequado aos currículos e programas adotados nas diversas unidades; outro, de estimular a pesquisa literária, tanto entre alunos como entre professores e funcionários (...) o aluno pode, muitas vezes, ser chamado a colaborar. A pesquisa do estudante traz, frequentemente, colorações novas, aspectos de originalidade e valiosa contribuição à cultura (AZEVEDO, 1970, p.5-6).

Sobre o marco inicial dos Cadernos, segue a mesma Comissão

começamos com alguns trabalhos sobre comunicação e informação, assunto de palpitante atualidade. Os temas foram desenvolvidos, em 1969, no programa da disciplina de Comunicação, na Faculdade de Arquitetura, sob a orientação do Prof. Marcello Casado d'Azevedo, lente, por igual, no Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (AZEVEDO, 1970, p.5-6).

Na Introdução, Marcello completa o nome da disciplina que originou a publicação “Teoria da Informação – Comunicação – Cultura de Massas” (AZEVEDO, 1970, p. 7). Com 105 páginas, o volume está dividido em cinco capítulos, trata da comunicação como processo



social básico, forma de linguagem e percepção, unidade de informação, processo de automação e desenvolvimento social.

A série traz ainda outros dois números: **(3) Pensamento, código, informação** (AZEVEDO,1972) e **(4) Atenção, signos, graus de informação** (AZEVEDO,1973) ambos fruto de trabalhos de alunos e grupos destes, da mesma disciplina e faculdade. O coordenador manifesta no início “ (...) a impressão de que aqueles que excursionam pela comunicação em nossos dias já têm certa experiência com linguagem menos lineares e de significado acentuadamente aberto, ambíguo e mesmo incompleto (...) e nomeia alguns dos autores dos campos da Comunicação, Semiologia, Linguagem e Estruturalismo que são referenciados nos textos e, certamente, em suas aulas: Marshall McLuhan , Fiore, Décio Pignatari, Chaim Katz, etc. (AZEVEDO,1972, p. 8). Observando as listas ao final de cada capítulo, nos três volumes, encontramos ainda David Berlo, Umberto Eco, Shannon & Weaver, Wilbur Schramm, Charles Peirce, entre outros.

Junto com a coordenação dos Cadernos Universitários, Marcello é autor de mais três volumes. **Teoria da informação** (AZEVEDO,1971), editado pela Vozes, dá dimensão científica à área da comunicação, informação e tecnologia. A obra é considerada pelos editores como “primeiro manual universitário brasileiro sobre TI (Teoria da Informação)”. Eles defendem uma nova conotação para as palavras **manual** “deixa de ser repositório de conhecimentos pretensiosamente acabados, para se transformar num conjunto estruturado de informações básicas capaz de estimular a pesquisa e a criatividade”; e **universitário** “não é mais o monólogo solene dos velhos catedráticos, e sim o diálogo amistoso, onde o tom intimista predomina como característica de estilo, dando-lhe a feição de autêntica obra aberta” (AZEVEDO,1971, orelhas do livro 1 e 2).

Azevedo busca na edição fundamentos biológicos, físicos e matemáticos da TI; “rejeita fazer uma obra meramente especializada” e prefere “a globalidade na perspectiva e nas considerações”. O autor traça uma visão pragmática da TI e faz relação desta com “os fenômenos da cultura de massas” (AZEVEDO,1971, orelhas do livro 1 e 2).

Importa destacar o conteúdo do capítulo introdutório; sob o título **Generalidades** o autor defende um estudo “global, genérico, mesmo quando busque aprofundamento dos



temas” e em “linguagem acessível, com as devidas traduções, quando o jargão especializado for inevitável”. Segue indicando que irá referir, exemplificar e articular com “outras áreas do próprio assunto, ou mesmo de assuntos estranhos ao próprio trabalho”. Encerra informando que o principal desejo é que ao concluir a leitura o “amigo leitor” tenha “vontade de ler outros livros da mesma área de conhecimento” (AZEVEDO,1971, p. 10).

A **Realidade Científica** é considerada em dois aspectos por Marcello (deixa as demais possibilidades a critério dos leitores): inicialmente, o binômio matéria-energia, que deu origem à atual realidade tecnológica e que agrupa ciências como a física, química, mecânica, termodinâmica, resistência dos materiais e eletrônica. O autor, “não cogita essa área científica daquilo que denominaríamos de aspectos interno de quaisquer dos elementos, inertes, vivos e nem mesmo humanos”. No segundo ponto, ele agrega as demais áreas científicas não incluídas no campo energético que “buscam entender, formular, compatibilizar o Homem, e manter sob seu comando e controle as áreas de conhecimentos tecnológicos”. Como campo de estudo este tem dupla mensagem: informa ao homem sobre a realidade tecnológica e, por outro lado, busca controlar a mesma área através de procedimentos eficazes e adequados para que o mesmo homem possa modificá-la e desenvolvê-la segundo suas necessidades e desejos. Este aspecto da realidade científica, processo entre homem e mundo tecnológico, o professor chama de comunicacional (AZEVEDO,1971, p. 12-13).

Introduzindo sua **Posição da Pesquisa**, o professor destaca a pesquisa em comunicação como “chave de compatibilização entre as áreas científicas em desenvolvimento vertiginoso em nossos dias”. Atribui a ela papel de feedback, ou seja, para realimentar, autocorrigir ambas as realidades: “somente a pesquisa devidamente estruturada, tratada, cultivada, permitirá uma interpretação adequada das atividades humanas nos campos energético e comunicacional, permitindo ao homem um integral cumprimento de sua evolução individual e como espécie” (AZEVEDO,1971, p. 15).

O autor segue defendendo a pesquisa “A possibilidade sempre maior de estudos, através de linguagens sempre mais adequadas e eficazes das realidades observadas, faz do campo da pesquisa uma vasta área ainda pouquíssimo explorada e valorizada apenas nos seus aspectos técnicos e utilitários”. Compara a valorização da pesquisa na área energética e os



resultados que produziu e afirma “(...) o processo é idêntico no que se refere à área comunicacional: carente de maiores recursos materiais e humanos em tal campo de trabalho, corre o risco de não recuperar o avanço que o campo tecnológico obteve (...)”. Marcello destaca a Cibernética, setor limítrofe entre as duas áreas, “onde a eficácia da informação como objeto está exigindo um trabalho maciço de pesquisa, com propagação necessária e imediata a outros campos da comunicação” (AZEVEDO, 1971, p. 15). Oportuno acrescentar que Cibernética foi tema de outros dois livros de Azevedo, como veremos adiante.

Ao defender o aprofundamento da pesquisa em comunicação, um “campo muito vasto, importante e complexo”, Azevedo cita o professor Marques de Melo, que identifica o tipo de pesquisa, com marca utilitária, que até então vinha sendo desenvolvido em nosso país “(...) pesquisa quantitativa, de circulação ou audiência, referida sempre à atividade de algum veículo de comunicação de massa”. O pesquisador gaúcho apóia-se nas palavras de Marques de Melo para identificar o que entende por pesquisa em comunicação: “o estudo científico dos elementos que integram o processo comunicativo, a análise de todos os fenômenos relacionados ou gerados pela transmissão de informações, seja entre pessoas, grupos, ou públicos vastos...” (MELO apud AZEVEDO, 1971, p. 16).

O engenheiro gaúcho defende que este tipo de pesquisa em comunicação será “elemento integrador, que permitirá o desenvolvimento e a evolução adequada não somente da área de conhecimento específica para a qual eventualmente se dirija, mas em conjunto, na soma de todas as atividades de pesquisa dos diversos campos científicos”. E conclui “é a área que permitirá a devida interpretação e a correta visão do avanço possível do conhecimento humano” (AZEVEDO, 1971, p. 16).

Para ratificar sua posição sobre a pesquisa, Marcello refuta a especialização, como a da tecnologia em seu campo restrito, e afirma que “muitos mais frutos e resultados poderão ser obtidos se, nos procedimentos científicos de qualquer área, a articulação permanente com as áreas correlatas for uma preocupação de primeiro plano em qualquer campo de conhecimento. E essa articulação, cientificamente construída, é o alvo principal da ciência da comunicação, responsável pelo estabelecimento dos processos de articulação entre os diversos campos de conhecimento, além de seu próprio campo de estudos” (AZEVEDO, 1971, p. 17).



A parte final da Introdução do livro Teoria da Informação, recebe o nome de **Estudos prospectivos** e nela o professor compara a função da comunicação (e implicitamente a pesquisa neste campo) com a dos faróis potentes de um carro que anda à noite na velocidade máxima. Defende o equilíbrio entre a área energética e as demais e que para avaliar a “aceleração crescente das transformações que o mundo tecnológico obtém”, a área comunicacional pode oferecer “certa margem de visão em relação ao futuro, em relação às consequências que tal complexo pode e deve desencadear”. O autor inclui a comunicação e a cibernética como ciências prospectivas com capacidade para “predizer condições em detalhe razoável e avaliar de que modo os resultados dependerão das atuais escolhas (...)”. Encerra defendendo o feedback permanente das ciências prospectivas como útil à “autocorreção de toda a evolução científica, num procedimento dinâmico de aproximação e correções sucessivas, profundamente estimulantes e criativas” (AZEVEDO, 1971, p. 19-20).

Cibernética e vida, com 146 páginas, publicado pela Vozes, em 1972, é, de acordo com o autor, o “primeiro texto brasileiro, especificamente, dedicado ao campo da ciência conhecida como Cibernética, sob uma visão global e com suas implicações sócio-culturais” (AZEVEDO, 1972, contracapa). Na Introdução o professor esclarece o objetivo do trabalho “tentar um esboço das transformações culturais (pelo menos algumas delas) que a Cibernética estimulou ou acelerou, buscando uma visão, mais compatível com a realidade, do panorama cultural dos nossos dias, frente ao de alguns anos atrás”. Ele dedica o livro “aos que possuem inquietudes intelectuais em qualquer área do conhecimento humano” e pretende que cada leitor, assimilando o que escreveu, “reelabore em termos próprios o que tentamos transmitir, alterando consciente ou inconscientemente o processo que vive em seu próprio mundo” (AZEVEDO, 1972, p. 7-8).

Azevedo faz, na parte inicial do livro, retrospecto desde Platão para quem cibernética “era a arte da pilotagem”; passa por Norbert Wiener (1948) “a teoria do controle e do comando, tanto no animal como na máquina”; chega a Pierre Latil (1968) “estudo das máquinas automáticas e dos seres vivos, naquilo que elas possuem de „sistemas autogovernados“, introduzindo assim o conceito de realimentação, autocorreção, feedback”; dá a visão de Louis Couffignal (1966) “que considera como área pertencente à cibernética a que estuda a arte de assegurar a eficiência da ação”. Finaliza conceituando “cibernética se configura como a ciência ou a arte do comando e do controle de um processo organizado,



com capacidade de autocorreção e realimentação próprias, que lhe imprimem o máximo de eficiência” (AZEVEDO, 1972, 10-12).

O tema **Cibernética**, e sua articulação com a **Cultura**, encerra a obra de Marcello d’Azevedo. Na apresentação, o professor Marques de Melo indica que o autor “demonstra a maturidade adquirida nestes anos de análise sistemática das relações entre Cibernética, Cultura e Comunicação”. Para ele, Azevedo rejeita “aquela posição de deslumbramento diante da tecnologia que ainda caracteriza muitos dos nossos pesquisadores” e completa observando que neste volume o pesquisador “proclama com absoluta convicção „a cibernética não é isolável da técnica, mas é grandemente conduzida pela ideologia””. Encerra recomendando o livro “às novas gerações de profissionais de Comunicação Social como roteiro seguro para evitar uma compreensão distorcida da função daqueles instrumentos capazes de processar conteúdos dirigidos às grandes massas” (AZEVEDO, 1978, orelha do livro).

5. Repercussão da obra de Marcello d’Azevedo

Difícil medir o impacto da ação docente e do conhecimento produzido pelo Prof. Azevedo; no entanto, destacaremos dois aspectos. Inicialmente, em relação a uma das editoras que publicou seus estudos. A relevância da obra **Teoria da Informação** foi observada por Marcelo Ferreira de Andrades em sua dissertação de Mestrado, orientada por Sérgio Capparelli, na Fabico, em 2001. Uma das estratégias editoriais da Vozes, no período 1964-86, revela, foi o “casamento da Editora com a produção universitária brasileira” concretizado com este livro do Professor Marcello Casado d’Azevedo, coedição da Vozes com o Departamento Editorial da UFRGS. “(...) nasceu na experiência em salas de aula e agora, impresso, retorna à sala de aula. Ao mesmo tempo em que é pleno instrumento de trabalho, é veículo, é semente de cultura” (NEOTTI apud ANDRADES, 2001, p.84).

Outra manifestação importante a respeito de Marcello Casado d’Azevedo foi escrita por Marques de Melo na apresentação de **Cibernética e cultura** (AZEVEDO, 1978): “(...) uma dessas vocações singulares para o estudo da comunicação. Apesar da formação básica em área acadêmica diversa, despontou no panorama universitário brasileiro, conquistando imediatamente lugar de destaque”. Para o pesquisador o ensino de comunicação no país beneficiou-se enormemente dessa “metamorfose intelectual” do professor Azevedo; observa



que “no fim da década de 60, quando aqui se criaram as Escolas de Comunicação, ele foi rapidamente absorvido por esse novíssimo setor do sistema universitário brasileiro” (AZEVEDO, 1978, orelha do livro).

Analisando as contribuições do professor gaúcho, Marques de Melo aponta o “resultado mais significativo dessa sua dedicação à análise cibernética dos fenômenos sociais da comunicação foi o livro **Teoria da informação**” (AZEVEDO, 1978, orelha do livro). O atual decano da Comunicação no Brasil considera o autor um humanista, “suas preocupações intelectuais ganharam novo rumo concentrando-se na Cibernética” e destaca o entusiasmo que mantinha pelas relações entre a tecnologia e a vida social: “(...) ganharam tal dimensão que alunos de diferentes setores, principalmente de Ciências Humanas, começaram a inscrever-se nos seus cursos de Cibernética e Teoria da Informação, antes programados especificamente para engenheiros e arquitetos” (AZEVEDO, 1978, orelha do livro).

6. Considerações finais

Marcello Casado d’Azevedo, visionário e ao mesmo tempo desbravador, foi pesquisador e cientista, perseguiu saber mais para satisfazer as suas necessidades intelectuais, para enriquecer as suas aulas e motivar os estudantes. Inaugurou, na Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande do Sul, processo de reflexão teórica sobre Comunicação, concomitantemente à prática de ensino-aprendizagem. Produziu conhecimento, publicou e disseminou ideias. Fez muito para o campo da Comunicação quando este começava a adquirir corpo. O professor, falecido no início da década 1980, deixou seis volumes publicados e uma geração de comunicadores formados, muitos deles seguindo o ciclo virtuoso da educação-academia. Embora não tenha chegado a formalizar nem a institucionalizar projetos de pesquisa, Azevedo seguiu os trâmites possíveis ao estágio da área naquele tempo, cumpriu a missão da universidade, promoveu a articulação e a integração das ciências e, principalmente, do ensino com a pesquisa, e vice-versa.

Referências

- AZEVEDO, Marcello Casado d'. **Atenção, signos, graus de informação**. Porto Alegre : Ed. da URG, 1973.
- AZEVEDO, Marcello Casado d'. **Cibernética e cultura**. Porto Alegre : Sulina, 1978.
- AZEVEDO, Marcello Casado d'. **Cibernética e vida**. Petrópolis : Vozes, 1972.
- AZEVEDO, Marcello Casado d'. **Comunicação, linguagem, automação**. Porto Alegre : Ed.



UFRGS, 1970.

AZEVEDO, Marcello Casado d'. **Pensamento, código, informação**. Porto Alegre :

Ed. da UFRGS, 1972.

AZEVEDO, Marcello Casado d'. **Teoria da informação** : fundamentos biológicos, físicos e matemáticos; relações com a cultura de massas. Petrópolis: Vozes, 1971.

AZEVEDO, Martha Alves d°. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 dez 2011.

ANDRADES, Marcelo Ferreira de. **Do Claustro à Universidade**: As estratégias editoriais da Editora Vozes na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986). Fabico, 2001(dissertação de mestrado)

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. Entrevista concedida por e-mail. Porto Alegre, 26 fev. 2012.

INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E CURSOS CADASTRADOS. Portal do Ministério da Educação. Disponível em <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso 15 ago. 2011.

JORNAL DA UNIVERSIDADE. **Os filhos da Filosofia**. Encarte especial sobre os 40 anos da divisão da Faculdade de Filosofia da UFRGS, nov-dez 2010.

MARQUES DE MELO, José. **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2008a.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008b.

MARQUES DE MELO, José. Panorama brasileiro da pesquisa em comunicação. In BARBOSA, Marialva (org.). **Vanguarda do Pensamento Comunicacional Brasileiro**: as contribuições da Intercom (1997-2007). São Paulo: Intercom, 2007.

MELO, José Marques de Melo (coord); RAHDE, Maria Beatriz F. (org). **Memória das ciências da comunicação no Brasil**: o grupo gaúcho. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1997.

PERUZZO, Cícilia Krohling; SILVA, Robson Bastos da (Org.) **Retrato do ensino em Comunicação Social no Brasil**. São Paulo: Intercom, Taubaté; Unitau, 2003.

SANTOS, Jussara Pereira; SILVEIRA, Itália Maria Falceta. Fabico, fragmentos de uma trajetória.

Revista de Biblioteconomia & Comunicação. Volume 8, janeiro/ dezembro, 2000. p. 275-290.

SILVA, Ricardo Schneiders da. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 25 jan 2011.

WEBER, Maria Helena; SILVA, Ricardo Schneiders da. Entre a utopia e a deserção. In GUEDES, Paulo; SANGUINETTI, Yvonne. **UFRGS: identidade e memórias – 1934-1994**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/ UFRGS, 1994, p. 17-23.